

(RE)PENSANDO A CONCEPÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS

Luiz Cláudio de Oliveira Antonio
lcoliveira@ines.gov.br
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES

Rosana Prado
rosanapradoines@ines.gov.br
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES

488

Introdução

Este estudo emergiu a partir de resultados parciais de uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Mestrado Profissional de Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense – UFF/RJ sob a Linha de Pesquisa: Produção de Materiais e Novas Tecnologias.

Propomo-nos refletir sobre a Produção de Materiais Didáticos tomando como partida um levantamento quantitativo de trabalhos publicados na Plataforma de Periódicos da CAPES. Optamos por utilizar esta plataforma como fonte de dados uma vez que a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) do Ministério da Educação – MEC se configura em uma instância que se concentra na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu no Brasil, logo sua relevância para o meio científico é indiscutível.

Para encontrar os trabalhos, definimos os seguintes descritores: **Material Didático + surdos**. Optamos por restringi-los aos títulos das obras, pois sua existência em títulos garante, ou deveria possibilitar a garantia, que o teor da pesquisa se concentra no campo de interesse de estudo ora proposto; de outra forma, poderíamos nos deparar com outros estudos cujo conteúdo não necessariamente discorresse sobre a proposta delineada, antes, porém, poderia

somente citar a necessidade e/ou a falta de materiais didáticos não propondo refletir sobre eles.

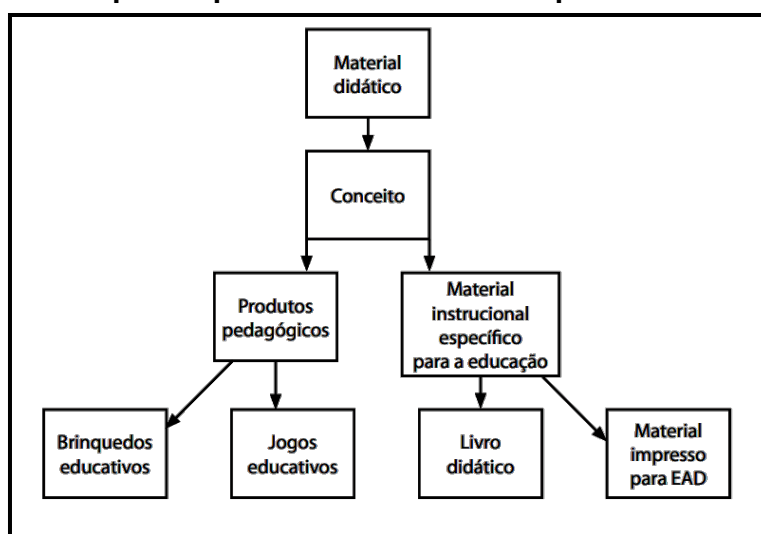
A busca na base nos retornou um quantitativo de 15 publicações, distribuídos em 15 revistas diferentes, durante o período que vai de 2015 a 2021. Os resultados nos mostram que a existência de reflexões sobre o assunto é incipiente em função da sua importância no campo da Educação de Surdos no Brasil; portanto, entendemos ser relevante este estudo, uma vez que: 1. Detectada a escassez de produções a respeito; 2. Apresenta publicações onde a escrita não se concentra na perspectiva de orientar a construção de material didático; e 3. Denuncia a incipiência de conceituação de materiais didáticos em geral e específicos para surdos.

Fundamentados na compreensão da real necessidade desta pesquisa, debruçamo-nos numa pesquisa bibliográfica (Gil, 2002) a fim de compreender o conceito de Material Didático, sua importância para a aprendizagem e sua aplicabilidade no campo da Educação de Surdos.

A discussão sobre a importância e a concepção de Materiais Didáticos não é uma reflexão recente. Na realidade, sua existência pode ser considerada milenar, uma vez que estão presentes na História através de qualquer artefato que permita mediar o processo de aprendizagem - desde a que se concentra no aprender para o trabalho ao aprender pelo "conhecimento". (Bandeira, 2009). O importante, no entanto, não é sua existência, tampouco desde quando existem ou mesmo a partir de quando passaram a ser chamados assim; o crucial é compreender que Materiais Didáticos assumem papel relevante na aprendizagem.

Bandeira (2009) acredita que não podemos restringir o entendimento sobre eles, isso porque engessá-los é o mesmo que não reconhecer sua função, ou atribuir pouco valor a eles. A autora apresenta um esquema (Figura 1) a respeito de materiais didáticos, que a nosso ver é bastante interessante, abrangendo a esse rol, por exemplo, o livro didático.

Figura 1: Esquema tipos de materiais didáticos por Bandeira (2009)



Fonte: Livro Materiais didáticos – Bandeira (2009, p. 13).

Comumente se atribui ao livro didático o *status* de vilão da aprendizagem por serem essencialmente conteudistas, por vezes, pouco atrativos e funcionarem como instrumentos engessadores do que se deve aprender e em que etapa se deve aprender. No entanto, a autora desconstrói o imaginário docente que concebe materiais didáticos essencialmente vinculados aos jogos, brincadeiras ou quaisquer outros artifícios “pirotécnicos” que utilizamos em sala de aula, afirmando que os livros também são materiais didáticos.

A reflexão ora em questão nos provoca a compreender melhor sobre o que tratam os materiais didáticos; ela problematiza, mesmo sem possuir tal intenção, esse campo (“essencial” no dia a dia escolar) de forma a direcionar nosso olhar para nossas práticas didático-pedagógicas. Afirmamos, dessa forma, imbuídos na asserção de que nenhuma prática docente é por si só dissociada de aparatos/artefatos de suporte para a ensinagem.

Ora, se o livro também for compreendido como material didático, então, análogos a Bandeira (2009), toda prática docente se dá a partir de e/ou com o auxílio de um suporte, um material. Sendo assim, nos deparamos com as indagações: o que são Materiais Didáticos? E qual a diferença deles em relação a educação de surdos? Existe(m) diferença(s)?

Na intenção de responder tais questões será necessário desmembrar o termo “Materiais Didáticos” para desenvolver um entendimento desagregado de ambos, e em segundo momento religá-los ressignificando-os.

O Dicionário Online de Português¹ define “Material”, dentre suas inúmeras possibilidades de definição, como “conjunto dos objetos, dos instrumentos utilizados num serviço, numa atividade: o material escolar”². Para o termo “Didático” o dicionário explica a partir de sua etimologia (origem da palavra): do grego *didaktikós*, atrelando seu significado à “didática, ao ensino, à arte de ensinar, de transmitir conhecimentos através do ensino: livro didático”.

Paralelamente, segundo Pimenta e Anastasiou (2010) Didática é “área da Pedagogia que tem por objeto de estudo o ensino” (Pimenta; Anastasiou, 2010, p. 42), enquanto para Libâneo (2017) ela “estuda os objetivos, os conteúdos, os meios e as condições do processo de ensino tendo em vista finalidades educacionais” (Libâneo, 2017, p. 17). Em outras palavras, é possível entender que a Didática busca compreender e aprimorar a(s) prática(s) docente(s) no processo de aprendizagem.

Portanto, Materiais Didáticos podem ser definidos como objetos e/ou instrumentos diversos utilizados no processo de ensino que assumem um papel de suporte facilitador ou direcionador da/para aprendizagem dos estudantes. Dessa forma, compreendemos melhor, inclusive, a afirmação de Bandeira em relação não somente ao livro didático, mas a todos os demais materiais que a autora apresenta em seu esquema (apresentado acima).

Compreendidas tais afirmações, resta-nos refletir se os Materiais Didáticos que comumente utilizamos podem assumir uma característica generalista, ou seja, pode ser utilizado para todos os educandos invariavelmente. Essa discussão seria uma bela oportunidade de tecermos múltiplas reflexões em função da diversidade que a Educação e a escola apresentam, porém nos ateremos aos discentes surdos.

¹ Este dicionário pode ser acessado através do endereço: <<https://www.dicio.com.br>>

² Disponível em <https://www.dicio.com.br/material/>

Ínúmeros estudos ao longo dos últimos anos (Campello, 2008; Ledebef, 2010; Prado; Macedo, 2016, entre outros) discutem justamente as necessidades intrínsecas dos estudantes surdos no processo de aprendizagem. Com efeito real transcendem as necessidades dos estudantes, antes sim, delineiam a relação que os sujeitos surdos desenvolvem com o mundo. Esta relação perpassa exclusivamente pela visualidade e, portanto, não possui interface alguma com a audição.

Afirmar, dessa forma, implica dizer que, no contexto educacional, as práticas estabelecidas de forma hegemônica são totalmente inadequadas para a aprendizagem dos alunos surdos; isto porque os fazeres pedagógicos estabelecidos estão pautados, majoritariamente, na realidade de um alunado padrão. Se é que podemos afirmar que existe homogeneidade dentro do que ditamos como padrão.

Portanto, Materiais Didáticos para o ensino de surdos indiscutivelmente não podem perpassar por elementos baseados na sonoridade/fonética. Logo, o currículo é o primeiro elemento com a necessidade de ser (re)pensado, desconstruído e (re)construído, pois o conteúdo programático “separação sílabas³”, por exemplo, é essencialmente sonoro.

Destarte, o assunto que ora discutimos requer profuso olhar a fim de evitarmos práticas pedagógicas que excluem os sujeitos surdos, bem como se caracterizam como nulas do ponto de vista da aprendizagem. Assim, apresentaremos na seção seguinte algumas percepções sobre Materiais Didáticos elaborados para Surdos atualmente, na intenção de clarear o campo e propor novos olhares.

Tipos de Materiais Didáticos para Surdos

Com a política de inclusão implementada nos últimos anos e o advento da Lei Brasileira de Inclusão, as práticas escolares passaram a se dirigir a novos caminhos na intenção de, conforme o próprio texto da lei, “assegurar e a promover, em condições de

³ Segundo o Dicionário Online de Português sílaba é definida como “vogal ou grupo de fonemas que se pronuncia numa só emissão de voz”.

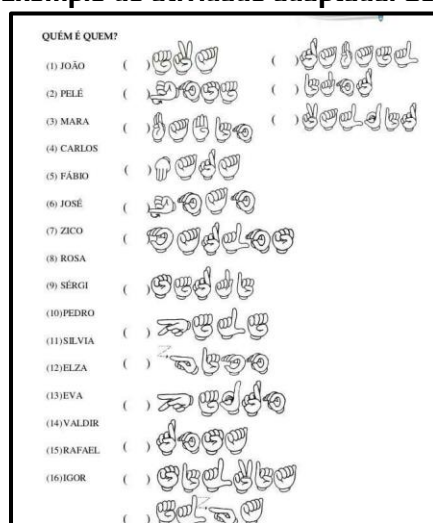
igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (Brasil, 2015, Art. 1º).

No entanto, percebemos que essas novas práticas nem sempre são tão satisfatórias e assertivas, e por vezes, a escola parte da tentativa erro/acerto (do empirismo) prejudicando o desenvolvimento escolar e psicossocial do educando em detrimento da tentativa de acertar. Dito isto, é preciso responsabilidade, ética e formação adequada para superar estas práticas que, embora visem buscar caminhos, acabam por violar direitos e excluem.

Nesse cenário, encontramos em sites de busca ou blogs pedagógicos inúmeras tentativas de construção de atividades para surdos dissociadas das concepções que apresentamos na seção anterior deste estudo. Ao analisarmos alguns materiais digitais e concretos percebemos neles algumas características que nos permitem tecer classificações, são elas: adaptações, características bilíngues e características visuais (Prado; Antonio, 2023).

As características de adaptações presentes nos materiais nos motivou a entendê-los como **Materiais Didáticos Adaptados**, assim denominados por serem materiais inicialmente criados para determinado público e adaptados para o uso na aprendizagem de surdos, tal como uma atividade para correlacionar palavras em português com a soletração em alfabeto datilológico.

Figura 2: Exemplo de atividade adaptada: Correlacione



Fonte: Arquivo da internet⁴

⁴ Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/89/81/87/8981870a673aca6713fa4e737aecdb58.jpg>

Refletindo sobre esta atividade podemos concluir duas questões: 1. se sua intenção for simplesmente correlacionar o sinal gráfico (letra) da Língua Portuguesa com a Configuração de Mão⁵ da Libras – Língua Brasileira de Sinais, então a atividade atende a proposta embora não tenha tanto valor pedagógico; 2. Se, no entanto, a ideia for que o aluno aprenda a escrever tomando como partida que JOÃO, por exemplo, é soletrado por meio das configurações⁶ nº 65 (acrescidas de movimento) + nº 73 + nº 67 e nº 49 (acrescida de movimento (~)) + nº 73, então temos um problema metodológico grande: a começar pela relação simbólica inexistente, ou seja, qual é a importância de saber que este grupo de configurações representam JOÃO se não se sabe o que JOÃO significa?

Logo, compreendemos que adaptar materiais para o ensino de surdos não é o adequado porque, em sua grande maioria, as atividades são pensadas com base no arcabouço de mundo experienciado por matrizes de linguagem que não são naturais para os surdos (como por exemplo, vivências baseadas na sonoridade).

Em outro tipo de materiais, as características bilíngues nos permitiram identificá-los como **Materiais Didáticos Bilíngues**, que neste cenário exige a presença da Libras e Língua Portuguesa escrita, permitindo que ambas as línguas sejam percebidas pelo surdo, podendo então atribuí-lo *status* de bilíngue

Figura 3: Material Didático Bilíngue



Fonte: Arquivo do Youtube⁷

⁵ A "configuração de mão (CM) é a forma que a mão assume durante a realização de um sinal" (Fernandes, 2018, p. 70).

⁶ Disponível em <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-l/alfabeto-manual-e-configuracao-de-maos>

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NuzZiQyz3-o&list=PL18ybxrEghTuoKMo9A-sQaDrXGSlawME&index=2>

Abordar o assunto Material Bilíngue no contexto da educação de surdos requer a seguinte compreensão: para que a coexistência de duas línguas ocorra, o material exigirá um formato de suporte tecnológico videografado, uma vez que a Libras é uma língua viso-espacial (Diniz, 2010, p. 11). Reafirmamos que a importância da escrita da Língua Portuguesa constar no material é fundamental para o denominarmos bilíngue.

Por fim, as características visuais percebidas nos produtos encontrados nos impelem a classificá-los como **Materiais Didáticos Visuais**. Os elementos essenciais que essa categoria abarca dizem respeito a informações sistemáticas de cunho visual, isto é, os aparatos visuais (imagens, esquemas, etc.) precisam ter uma natureza sistemática, significativa. Em outras palavras, esses elementos não podem se portar simplesmente como ilustração, mas precisam carregar consigo conteúdo, conceito.

Figura 04: Material Didático Visual



Fonte: Arquivo da internet⁸

Embora a figura 04 apresente ilustrações visualmente estabelecidas, percebamos que as representações possuem carga simbólica e conceitual; visualmente é possível aprender a disposição dos órgãos, a relação de proporção entre si, localização de cada um, dentre outras informações presentes somente em olhar o material. Partindo deste pressuposto, cabe ao professor explorar a potencialidade deste material e expandir o conhecimento ao máximo possível.

⁸ Disponível em: <https://ae01.alicdn.com/kf/H0adc0db1f3024e6fa926fc9baf76c6ddP/Anatomia-avental-rg-os-do-corpo-humano-insights-educacionais-avental-brinquedos-pr-escolar-casa-auxiliares-de.jpg_090.jpg_.webp>

Ressaltamos que nessa categoria (Materiais Didáticos Visuais) é potencial encontrar artefatos que se enquadram na categoria Material Bilingue, pois um material videografado que apresente características visuais e possua Libras é considerado um Material Visual e Bilingue.

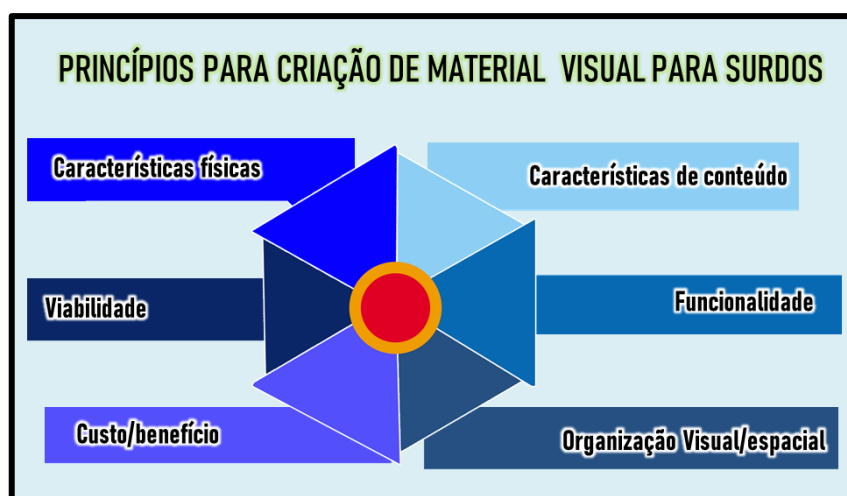
Importa-nos diante de todas as discussões supra dissertadas, pontuar que as categorias percebidas nos artefatos encontrados possuem características recorrentes, portanto para definirmos determinado material de acordo com algumas das categorias discutidas, é preciso que este se enquadre com as mesmas características que apontamos em nossas percepções.

Posto isto, aventuramo-nos em estabelecer princípios que orientem a criação de materiais visuais, por julgarmos ser este o perfil ideal/adequado de material a se aplicar no processo de aprendizagem de educandos surdos.

Elementos Essenciais a Produção de Materiais didáticos para Surdos

Fundados nos apontamentos anteriores, as categorias elencadas nos materiais utilizados com alunos surdos, pressupõem características intrínsecas e recorrentes; se não fosse de tal forma seria imprudente/inadequado utilizar o termo categoria. Nesta seção indicaremos os princípios, que a nosso ver, são norteadores e essenciais para refletir sobre Materiais Visuais para a Educação de Surdos e produzi-los.

Figura 05: Esquema Princípios para criação de materiais didáticos para surdos



Fonte: Elaboração dos autores

Na figura acima dispomos um esquema, utilizado como suporte de material didático de um curso ministrado pelos autores deste estudo, que indica os princípios ora percorridos: 1. Característica de Conteúdo; 2. Características Físicas; 3. Organização Visual/espacial; 4. Funcionalidade; 5. Viabilidade; e 6. Custo/Benefício.

Entendemos que ao tratar da **Característica de Conteúdo** na construção de um material visual é importante ponderar o tema a ser abordado, os objetivos a serem alcançados, a faixa etária dos alunos e a área de interesse em questão. Caso esses elementos não sejam observados, torna-se custoso o desenvolvimento do material, pois o conteúdo que ele abarcará depende de cada um deles.

Desenvolver determinado assunto desalinhado com a faixa etária dos educandos ou desprovido de objetivos a serem alcançados ou ainda sem entender a área que será apresentada não é adequado, tampouco pedagógico. Portanto, ter um olhar para as características que envolvem o conteúdo do material é importante e indispensável.

As **Características Físicas** (cor, tamanho, peso, durabilidade e segurança) nos importam posto que possam influir expressamente na aprendizagem. Pensemos cada uma delas de forma a compreender sua relevância. A cor é um elemento visual poderoso que pode atrair, repulsar, distrair ou mesmo direcionar. O tamanho e o peso podem ser fatores inviabilizadores. Por exemplo, se for muito pesado dificultará o transporte; se for leve pode ser frágil e pouco durável. Se for muito pequeno, dependendo da proposta, pode não causar interesse e não atingir os objetivos propostos.

No tocante ao fator durabilidade e segurança, interessa-nos pontuar que para além de um material didático dispor de vida longa (podendo ser reutilizado inclusive para outros assuntos), é preciso resistência ao manuseio dos alunos quando for introduzido na sala aula e não acarretar risco aos alunos (risco de perfuração, cortes ou outros acidentes possíveis).

A **Organização Visual/espacial** diz respeito diretamente com a relação que o surdo estabelece com o mundo e com o conhecimento. É preciso compreender que a visualidade na Educação de Surdos pressupõe a ativação estruturas mentais de compreensão e aprendizagem

do aluno surdo, por meio da visão. (Campello, 2008). Logo, de modo algum podemos pensar numa prática que desconsidere tais pressupostos aos quais de forma ampla/macro perpassa pela organização do pensamento dos surdos, e de forma micro/objetiva abarca a subjetividade de cada aluno.

Em outras palavras, embora tenhamos argumentos sobre a visualidade de forma cultural da comunidade surda, de forma alguma furtamo-nos da individualidade e da característica multicultural humana que também os sujeitos surdos carregam. Portanto, ao elaborar um material didático para surdos é preciso desvelar o melhor caminho para estimular a cognição dos alunos.

Não obstante temos a **Funcionalidade** como princípio na criação de materiais que devem ser funcionais e atenderem a proposta pelo qual foram elaborados. Evidentemente, a prática pedagógica docente preconiza o desenvolvimento do aluno, tendo-o com elemento central da educação; no entanto, por vezes, há a possibilidade de ocorrer equívocos nutridos pelo desvio do olhar para o discente desconsiderando seu conhecimento de mundo e realidade vivida.

Ademais a funcionalidade deve ser observada na perspectiva da performance do material, da fácil execução, evitando possíveis desconfortos, desinteresses e entraves de forma a estimular a superação de desafios e ao aprofundamento da compreensão e da aprendizagem.

Os princípios **Viabilidade** e **Custo/Benefício** são convergentes e estão intrinsecamente relacionados. O material a ser elaborado precisa ser viável (financeiramente e tecnologicamente), demandar matéria-prima de fácil acesso e custo razoável. Caso necessite de recursos de tecnologia, questionar-se sobre sua viabilidade é imprescindível.

Compreendendo a experiência visual dos surdos buscamos construir princípios e percepções substanciais para a reflexão e elaboração de um Material Didático Visual adequado a este público, considerando que tais princípios são indissociáveis pois estabelecem uma relação entre si.

Considerações finais

Diante das discussões apresentadas, percebemos a centralidade dos materiais didáticos na educação de surdos. Ficou evidente que os estudos existentes são insipientes e que a compreensão sobre eles ainda é muito frágil. Dessa forma, nosso estudo vem contribuir com a provocação de, não apenas, analisarmos os materiais disponíveis, como também fundamentarmos princípios para estimular a criação de materiais didáticos que atendam às necessidades visuais e culturais dos alunos surdos.

Para além, este estudo compreendeu que os materiais adaptados para o ensino de surdos não são a melhor opção uma vez que, em sua grande maioria, são pensadas com base no arcabouço de mundo baseado na língua oral e em estímulos auditivos que não são naturais para os alunos surdos. Destacamos a importância dos materiais bilíngues videografados com a presença da Libras e Língua Portuguesa escrita garantindo a compreensão em duas línguas de maneira acessível. Apontamos ainda a necessidade de materiais visuais em que as imagens não sejam usadas como meras ilustrações e sim intrínsecas ao material e aos conceitos neles investidos, ou seja, as imagens devem ser vistas como informações e não como ilustrações.

Sendo assim, nossa perspectiva é contribuir com a concepção de materiais didáticos para surdos e consequentemente dar suporte à criação de materiais visuais e bilíngues que venham a qualificar as propostas educacionais para educação de surdos, na atualidade.

Referências

BANDEIRA, D. **Materiais didáticos**. Curitiba, PR: IESDE, 2009.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm> Acesso em 09 de junho de 2022.

CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da Visibilidade na Educação de Surdos**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, SC, 2008.

DINIZ, H. G. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós Graduação em Linguística-Florianópolis, SC, 2010. 144p.

FERNANDES, S. **Língua Brasileira de Sinais** – Libras. 1.ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2018.

LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. **Cadernos de Educação**. Pelotas [36]: 175 - 195, maio/agosto, 2010.

LIBÂNEO, J. C. **Didática** [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2017.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência do Ensino Superior**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PRADO, R.; ANTONIO, L. C. O. Materiais Didáticos para Surdos: Entre os Remendos das Adaptações e a Potencialidade das Criações. **In**: FRANCISCO, G. S. A. M.; CASTRO JUNIOR, G. de (Org.). **Formação de professores e intérpretes educacionais para produção de materiais bilíngues**. 1ed. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2023, p. 183-205.

PRADO, R.; MACEDO, J. L. M. F. Aquisição de Línguas por Crianças Surdas: A Importância do Letramento Visual. **RevistAleph**, v. 26, p. 140-154, 2016.